

NÉLSON RODRIGUES: O PROFETA DO PÓS-PROFISSIONALISMO.

Vinicius Falcão Oliveira Carneiro - Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGF) do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail para contato: pentoxibenzeno@gmail.com

Usualmente, considera-se que o futebol possui duas grandes fases, a saber, o amadorismo e o profissionalismo – o primeiro, de suas origens até a década de 1930; o segundo, da década de 1930 até nossos dias. Minha pesquisa de doutorado pretende apresentar a existência de um terceiro momento (cuja gestação se deu entre a década de 1970 e a Lei Bosman, esta seria, ainda segundo minha pesquisa, a senha de sua “consolidação”). Por falta de um nome melhor, denomino este momento de “pós-profissionalismo” baseado nos dois momentos anteriores – cujos epítetos são formulados a partir da relação entre o jogador e o clube. Nesse sentido, trata-se, nesta pesquisa, de apresentar como Nélson Rodrigues anteviu o conceito, quase de modo não programático, intuitivo. No mês de julho de 1958, sob o impacto do primeiro título da Copa do Mundo de Seleções vencido pela Seleção Brasileira na Suécia, houve uma preocupação alarmante do êxodo de jogadores do “escrete” para “a Europa” (leia-se, para clubes europeus). A partir de seu tom grandiloquente e ufanista (beirando o que se denomina, no Brasil, como “*pachequismo*”) Nélson Rodrigues “carrega as tintas” contra a saída dos craques dos clubes brasileiros ao defender que determinados valores e mesmo pessoas não devem ser precificados em duas crônicas (escritas para o clássico “*Jornal dos Sports*”) intituladas “O escrete é nosso!” e “Clube não é boteco” (datadas, respectivamente, de 6 e 27 de julho de 1958). Trata-se, portanto, de apresentar como Nélson Rodrigues anteviu o processo do pós-profissionalismo a partir das citadas crônicas.

PALAVRAS-CHAVE: FUTEBOL; PROFISSIONALISMO; AMADORISMO; PÓS-PROFISSIONALISMO; NÉLSON RODRIGUES